

## PSICOGRAFIA

### Psicografia indireta: cestas e pranchetas – Psicografia direta ou manual

152 A ciência espírita progrediu mais rapidamente do que todas as outras. Apenas alguns anos nos separam daqueles meios primitivos e incompletos genericamente chamados de mesas falantes e já podemos nos comunicar com os Espíritos tão fácil e rapidamente quanto os homens o fazem entre si e pelos mesmos meios: a escrita e a palavra. A escrita possui, principalmente, a vantagem de mostrar do modo mais evidente a intervenção de um poder oculto, ao deixar traços que podem ser conservados, como fazemos com a nossa própria correspondência. O primeiro meio empregado foi o das pranchetas e o das cestas munidas de um lápis. Mostraremos aqui como isso acontece.

153 Dissemos que uma pessoa dotada de uma aptidão especial pode imprimir um movimento de rotação a uma mesa ou a um objeto qualquer; tomemos, em vez de uma mesa, uma pequena cesta de quinze a vinte centímetros de diâmetro (de madeira ou de vime, não importa, pois a substância é indiferente). Se fixarmos no fundo dessa cesta um lápis e o prendermos bem e se mantivermos o aparelho em equilíbrio com a ponta do lápis, sobre uma folha de papel, ao contato dos dedos com as bordas da cesta, esta se colocará em movimento; mas, em vez de girar, ela movimentará o lápis em sentidos diversos sobre o papel, de maneira a formar traços insignificantes ou letras. Se um Espírito for evocado e quiser se comunicar, ele responderá não por batidas, como na tiptologia, mas sim por palavras escritas. O movimento da cesta não é mais automático, como nas mesas giratórias; ele torna-se inteligente. Nesse processo, o lápis, quando atinge a extremidade da linha, não volta ao ponto de partida para começar outra; ele continua a mover-se circularmente, de tal modo que a linha escrita forma uma espiral, sendo preciso virar diversas vezes o papel para ler o que está escrito. A escrita assim obtida nem sempre é muito legível, pelo fato de as palavras não ficarem separadas; mas o médium, pela sua intuição, facilmente a decifra. Para simplificar, pode-se substituir por uma lousa com giz o papel e o lápis comum. Designaremos esse tipo de cesta de *cesta-pião*. Em vez da cesta, pode-se empregar uma pequena caixa de papelão, tendo o lápis como eixo.

154 Muitos outros dispositivos foram inventados para obter o mesmo resultado. O mais prático é o que chamaremos de *cesta de bico*, que consiste em adaptar à cesta uma haste de madeira inclinada prolongando-se de dez a quinze centímetros para o lado de fora, como na posição do mastro de proa de uma embarcação. Por um buraco aberto na extremidade dessa haste, ou bico, passa-se um lápis bastante comprido para que sua ponta alcance o papel. Tendo o médium os dedos sobre as bordas da cesta, todo o aparelho se movimenta, e o lápis escreve como no caso anterior, com a diferença de que a escrita é, geralmente, mais legível, as palavras são separadas e as linhas não são em espiral, e sim como na escrita comum, podendo o médium facilmente levar o lápis de uma linha à outra. São obtidas dessa forma dissertações de diversas páginas tão rapidamente quanto se fossem escrita à mão.

155 A inteligência que atua muitas vezes se manifesta por outros sinais inequívocos. Quando chega ao final da página, o lápis faz espontaneamente um movimento para virar o papel; se ele quiser voltar a uma passagem já escrita, ele a procura com a ponta do lápis, como se faz com a ponta do dedo, e depois a sublinha. Se o Espírito quiser se dirigir a um de seus assistentes, a extremidade da haste de madeira se dirige a essa pessoa. Para resumir, ele exprime muitas vezes as palavras *sim* e *não* por sinais de afirmação e de negação, como fazemos com a cabeça; se ele quiser exprimir contrariedade ou impaciência, dá pancadas repetidas com a ponta do lápis e, às vezes, com isso a quebra.

156 Em vez da cesta, algumas pessoas se servem de uma pequena mesa, feita para esse fim, de doze a quinze centímetros de comprimento por cinco a seis de altura e três pés, preso o lápis num deles; os outros dois são arredondados ou munidos de uma pequena bola de marfim, para deslizar facilmente sobre o papel. Outras pessoas servem-se simplesmente de uma *prancheta*, de quinze a vinte centímetros quadrados, triangular, alongada ou oval; numa das bordas há um ferro *oblíquo* para se prender o lápis; colocada em posição de escrever, fica inclinada e se apóia por um dos lados no papel; o lado que fica no papel traz, algumas vezes, dois pequenos roletes para facilitar o movimento. Concebe-se, em resumo, que todos esses dispositivos são semelhantes; o melhor é o que for mais cômodo.

Com qualquer um deles, é preciso quase sempre que os operadores sejam dois; mas não é necessário que a segunda pessoa seja dotada da faculdade mediúcnica: ela serve unicamente para dar sustentação e diminuir a fadiga do médium.

157 Chamamos de *psicografia indireta* a escrita assim obtida e de *psicografia direta* ou *manual* a obtida pelo próprio médium. Para compreender

este último processo, é preciso se dar conta do que se passa nessa operação. O Espírito que se comunica age sobre o médium; este, sob essa influência, dirige *maquinalmente* seu braço e sua mão para escrever, sem ter (é pelo menos o caso mais comum) a menor consciência do que escreve. No outro processo, a mão age sobre a cesta, e a cesta, sobre o lápis. Desse modo, *não é que a cesta que se torna inteligente*; ela é um instrumento dirigido por uma inteligência; na realidade não passa de um porta-lápis, de um apêndice da mão, um intermediário entre a mão e o lápis; se eliminarmos esse intermediário e colocarmos o lápis na mão do médium, teremos o mesmo resultado, muito mais simples, uma vez que o médium escreve como o faz em condições normais; assim, toda pessoa que escreve com a ajuda de uma cesta, prancheta ou outro objeto pode escrever diretamente. De todos os meios de comunicação, a *escrita manual*, ou *escrita involuntária*, é, sem dúvida, a mais simples, a mais fácil e a mais cômoda, porque não exige nenhuma preparação e se presta, como a escrita corrente, a expor e desenvolver as mais amplas idéias. Voltaremos a falar dela quando tratarmos dos médiuns.

158 No início das manifestações, quando se tinha sobre esse assunto idéias pouco precisas, muitos trabalhos escritos foram publicados com a seguinte designação: *Comunicações de uma cesta, comunicações de uma prancheta, de uma mesa* etc. Compreendemos hoje que essas expressões são inexatas ou errôneas e só revelam o caráter pouco sério de quem as publicou. De fato, como acabamos de ver, as mesas, as pranchetas e as cestas não passam de instrumentos *ininteligentes*, embora animados momentaneamente de uma vida fictícia, que nada podem comunicar por si mesmos; nesse caso é tomar o efeito pela causa, o instrumento pelo princípio; seria o mesmo se um autor declarasse no título de sua obra que a escreveu com uma pena metálica ou com uma pena de pato. Aqueles instrumentos, aliás, não são os únicos; conhecemos médiuns que, em vez da *cesta-pião* que descrevemos, serviam-se de um funil em cujo gargalo introduziam o lápis. Teria-se, então, obtido comunicações por um funil, uma caçarola ou uma saladeira. Se elas podem ser obtidas por meio de pancadas e se essas pancadas são de uma cadeira ou de uma bengala, não é mais uma mesa falante, e sim uma cadeira ou uma bengala falante. O que importa conhecer não é a natureza do instrumento, mas sim o modo de obtenção. Se a comunicação é obtida pela escrita, seja qual for o objeto em que se fixe o lápis, o que temos é a *psicografia*; se for por pancadas, temos a *tiptologia*. Tomando o Espiritismo as proporções de uma ciência, é necessário que tenha uma linguagem científica.